BOLETIM DO CEIB

Belo Horizonte, Volume 23, Número 73, julho/2019

ISSN:1806-2237

EDITORIAL

Fazendo uma retrospectiva, o Centro de Estudos da Imaginária Brasileira - Ceib está realizando seu Congresso Internacional pela primeira vez em Belo Horizonte, onde fica sua sede, no Cecor/ Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Agradecemos à Coordenadoria de Assuntos Comunitários (CAC/UFMG) pelo apoio ao evento, que será realizado no Centro de Atividades Academicas – CAD 2, auditório A104. Com o apoio do CAC, pela primeira vez teremos transmissão em tempo real dos quatro conferencistas convidados.

Em 21 anos de existência já foram realizados 10 congressos Internacionais: O I em 1998 e o II em 2001, no Centro Cultural do SESI, na cidade de Mariana, MG; o III, em 2003 e o IV, em 2005, na Universidade Federal em São João Del-Rei, MG; em 2007, foi realizado o V Congresso, no Centro de Artes, da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória/ES; o VI, na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro/RJ; o VII, na Casa da Ópera, em Ouro Preto/ MG; o VIII, no Instituto do Homem Missioneiro Potiguar, em Pium, Parnamirim, Natal, RN; o IX, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em São Paulo/SP e o X, na Faculdade de Medicina, da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, Bahia.

Temos orgulho de constatar que foram cinco congressos realizados em cidades históricas mineiras e graças à colaboração de equipes locais, mais cinco congressos tiveram sua realização em outros estados, alcançando um número diferenciado e maior de participantes.

Com muita alegria, comunicamos que todas as revistas IMAGEM BRASILEIRA podem agora ser consultadas com busca *on line*, por meio de palavras chaves, em nosso site. https://www.eba.ufmg.br/revistaceib/index.php/imagembrasileira/search/search. Em breve o BOLETIM do CEIB também estará disponivel para busca.

Esperamos todos, em nosso XI Congresso da Escultura Devocional entre 23 e 26 de outubro de 2019.

A IMAGEM CRISTÃ DO HOMEM: A PAIXÃO DE CRISTO REPRESENTADA EM ESCULTURAS DEVOCIONAIS

* Lia Sipaúba P. Brusadin

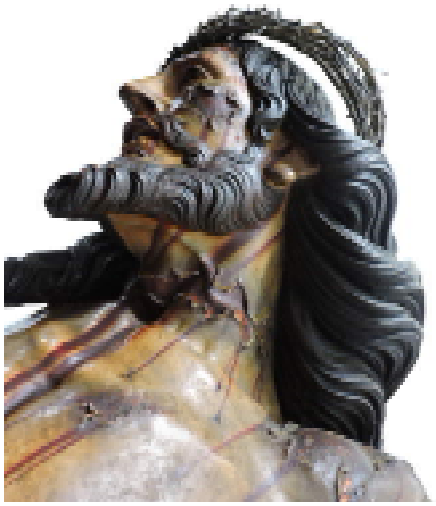

Figura 1: Cristo Crucificado. Escultura em madeira policromada (147 X 86 X 42 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Itu (SP). Foto: Lia Sipaúba Brusadin 26/12/2016.

Resumo

A escultura devocional foi uma forma artística eloquente de expressão da imagem cristã em virtude de seu caráter realista. Este estudo tem como objetivo analisar a representação do Deus Homem por meio de esculturas sacras e como elas serviram para edificar a vida cristã. A devoção a Paixão de Jesus Cristo se converteu em um modelo do homem perfeito, o qual se sacrificou para a salvação humana. Para tanto, foi feita uma reflexão teórico-conceitual sobre o acervo escultórico da Paixão no Império Português fundamentada na pesquisa bibliográfica, documental e registro fotográfico *in loco*. O êxito da representação da Paixão de Cristo na escultura devocional está na necessidade de humanização das coisas pelo homem, cuja imagem do Cristo Humano lhe servia de exemplo. Portanto, as esculturas sacras são documentos de conhecimento e de devoção.

Palavras-chave: Escultura Devocional; Paixão de Cristo; Império Português.

Introdução

A escultura devocional pode ser analisada dentre perspectivas distintas: histórica, artística, iconográfica, material, funcional, simbólica, religiosa e assim por diante. Além disso, em virtude dessa sua natureza múltipla, os dados coletados serão sempre parciais. Aqui se pretendeu realizar uma pesquisa no sentido do alcance da escultura sacro-cristã difundida pelos Impérios Europeus Modernos. O cristianismo foi a única das três grandes religiões monoteístas que admitiu o culto às imagens sagradas e a representação antropomórfica do divino – apesar de todas as condenações e cautelas –, a imagem sagrada se converteu numa das principais fontes de inspiração artística. Sendo a escultura uma importante expressão da imagem cristã, em razão de seu caráter realista (tridimensional), a criação das imagens ajudou o cristianismo a triunfar, converter e convencer perante o protestantismo.

O Cardeal Paleotti (2005, p. 77), afirmava: "Que as imagens cristãs são de grande utilidade para instruir o povo sobre o bem viver" ou ainda: "se é lícito pregar o mistério da Paixão ou a vida de um santo, por que não seria permitido representá-los com figuras?". Assim, as imagens sagradas moviam os homens a serem obedientes perante a Deus, por meio da penitência, da piedade e da caridade; as formas artísticas se tornaram meios para unir o homem ao divino.

No ano de 1563, o Concílio de Trento afirmou a legitimidade das imagens nas igrejas por sua eficácia didática, mas, com a necessidade de controle da decência e do decoro com as coisas sagradas, havia manuais de pintura para tratar dos temas cristãos e representação de santos e santas. Essa normalização não agiu somente na renovação do imaginário de pintores, escultores, entre outros, ela instigou e criou novas formas de sensibilidade e de emoção por meio das artes. Essa arte teve um desenvolvimento expressivo de invenção e originalidade.

Figura 2: Cristo Coroado de Espinhos. Escultura em madeira policromada (136 X 43 X 73 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Salvador (BA). Foto: Lia Sipaúba Brusadin 26/08/2016.

Figura 3: Cristo Crucificado. Escultura em madeira e chumbo policromada (1,84 X 1,25 X 32 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto (MG). Foto: Lia Sipaúba Brusadin 23/10/2013.

Figura 4: Retábulo Lateral da Nave - Cristo da Prisão. Escultura em madeira policromada (185 X 40 X 25 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Santos (SP). Foto: Lia Sipaúba Brusadin 29/12/2016.

Segundo Schmitt (2007), as imagens mais comuns, os tipos mais populares de devoção católica são as que representam as tendências profundas de uma cultura de uma época. São as imagens que capturavam o olhar por meio das suas formas de figuração, suas técnicas, seus materiais e os gestos que reproduziam. A partir disso, esse objeto sacro reflexiona as materialidades e imaterialidades do homem, pois as imagens estão carregadas de valores simbólicos, cumprindo funções religiosas, políticas ou ideológicas, participando da produção e reprodução da história das sociedades.

Há uma grande facilidade em se compreender determinada situação a partir dos recursos visuais, ou seja, a facilidade de explicar algo com imagens. Tal como advertiu o missionário jesuíta Antônio Vieira (1972, p. 30): "A razão disto é porque as palavras ouvem-se, as obras veem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos, e a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos". De forma resumida: "a imagem deveria servir aqui e agora" (GINZBURG, 2001, p. 118), fator entre outros, que colaborou para a popularidade das imagens sagradas.

Na cultura ocidental à imagem é um elo de comunicação entre passado e presente. Em torno da escultura devocional circula uma história complexa. O significado de um objeto sacro está vinculado às formas de confeccioná-lo, bem como a todos os investimentos e esforços gastos para se dominar as técnicas, as quais são necessárias para a realização de dadas obras, desejadas por determinada cultura. A maneira como o indivíduo ou grupo frui com o objeto, diz muito a respeito de uma sociedade. Concebe-se, então, que as imagens têm o mesmo valor que os documentos históricos.

Nesse contexto, evidencia-se a figura de Jesus Cristo, transformada no limite e na porta do paraíso, em que o mundo dos homens é salvo pelo sangue do próprio Cristo, filho de Deus, que foi crucificado (FIG 1) como Jesus Nazareno, o rei dos Judeus (FIG 2), tornando-se o rei do universo pacificado pelo sangue e pela cruz. Dessa maneira, é a realização em imagem da redenção e da salvação divina (PONNAU, 2006).

A devoção à Paixão de Cristo se converteu em um modelo, no qual revelava ao fiel os falsos valores mundanos, orientando outras formas de valor por meio de representações fatídicas de dor, de piedade e da compaixão. A representação do Deus Homem por meio de imagens sacras servia para edificar, fazer o bem, o extraordinário no ordinário da vida. Na medida em que o modelo absoluto é Cristo: "O principal objetivo da imagem é induzir no fiel o estado de ânimo e a atitude modesta e humilde que ele deve assumir ao dirigir-se a Deus" (ARGAN, 2004, p. 103). Ou seja, a imagem é um modelo de comportamento, uma forma de orientação com devoção.

A imagem de Cristo teve seu limiar no período medieval e com o passar dos tempos foi sendo cada vez mais representada, era cada vez mais realista, conservando seus elementos simbólicos. Isso concebeu numa nova significação à devoção ao Cristo Homem, o Cristo da Paixão, configurando a cena da Crucificação como emblema do cristianismo (FIG 3). A evolução da devoção à própria cruz pode ser reconhecida como um símbolo de triunfo, por meio do exemplo da humildade e sofrimento de Jesus: "a humanidade de Cristo, fundamento de um humanismo libertador, essencial à evolução do ocidente" (LE GOFF, 2005, p. 148).

A representação da imagem do Deus Homem, do Cristo Humano, foi um movimento renovador anterior a Trento, conhecido por *devotio* moderna[1], o qual, juntamente com a Contrarreforma[2], direcionaram a uma devoção de caráter popular à humanidade de Cristo, sendo a Paixão de Cristo "o último refúgio e saudável remédio nas penosas atribulações da vida" (MARQUES, 2009, p. 570). Assim, evocar os sofrimentos de Cristo, a fim de provocar a reflexão sobre as consequências do pecado e a necessidade do arrependimento, foi uma constante da espiritualidade afetiva do antes e pós Trento. Eis a eficácia da representação das imagens da Paixão de Cristo na escultura devocional, a qual representa artisticamente "uma figura nas três dimensões reais, expressando de forma verdadeira a terceira dimensão"

Figura 5: Ecce Homo. Escultura em madeira policromada (162 X 42 X 41 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira (BA). Foto: Lia Sipaúba Brusadin 30/08/2016.

Figura 6: Cristo Flagelado. Escultura em madeira policromada (165 X 61 X 45 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Cristóvão (SE). Foto: Lia Sipaúba Brusadin 17/06/2017.

(COELHO; QUITES, 2014, p.15), por meio do volume, o que a converte em tátil e visualmente real ao fiel.

Paixão e Devoção

A produção e o uso de imagens sagradas é universal e está presente em diferentes culturas e religiões. Uma escultura é denominada imagem quando nela são concedidas as feições humanas representando um ente divino e cuja finalidade é ser dedicada a um culto religioso. A escultura é a arte de representar de uma maneira convincente as formas humanas, já que é mais próxima à realidade da figura corpórea, podendo ser feita nas mais variadas técnicas e materiais, com funções diversificadas para atender as necessidades das pessoas.

A escultura devocional foi uma das maneiras de aproximação e ensinamento de bons comportamentos, ou seja, formas exemplares para o fiel na sua relação com a religião cristã. Uma das formas de perpetuação da religião católica no Império Português foi por meio de um programa iconográfico disseminado pelas imagens devocionais que estava diretamente associado aos ideais da Contrarreforma. A utilização de imagens para o culto religioso resultou numa grande demanda por esculturas, à medida em que a devoção crescia, o realismo e o preciosismo das representações escultóricas divinas tinham que suprir os anseios e estimular o sentimento religioso dos devotos.

Tanto nos Reinos Ibéricos quanto no Ultramar, os escultores e pintores eram obrigados a seguir o repertório iconográfico de acordo com a encomenda. Tal repertório era elaborado pelas matrizes europeias, o que se explica a abordagem do mesmo tema em distintas igrejas, variando apenas as características próprias de cada artífice (FIG 4). As principais fontes desse padrão iconográfico eram a Bíblia Sagrada e Missais da época, para que o devoto pudesse identificar seu santo, já que a maioria não sabia ler. A arte tinha, dessa forma, uma função pedagógica.

Nesse contexto, as esculturas da Paixão de Cristo retomam a concepção do Cristo Humano (FIG 5), que em toda sua vida: gestos e ensinamentos, mostrou-se como o modelo cristão do homem perfeito. A ideia de representar Deus em suas formas humanas não significa apenas a contingência correta ou exata da reprodução do corpo humano na sua gesticulação e do traje da sua vestimenta. A humanização está no que Taubert (2015) denominou de *sensualization*, isto é, "sensualização" que seria uma representação de grande sensibilidade, por meio de variadas técnicas, dos estados emocionais de alegria ou tristeza, incitando o prazer dos sentidos do seu expectador. A eficácia das imagens do Deus Homem está na sua relação empática com o fiel.

Durante a Época Moderna a morte e o martírio foram concebidos como experiências redentoras para fiel católico. No Império Português, as cenas de martírio (FIG 6) mais representadas foram as da Paixão de Cristo, enquanto pinturas e relevos da Via Sacra ou esculturas dos Passos da Paixão de Cristo dentro das igrejas. Tais representações sagradas auxiliavam ao fiel nos seus exercícios espirituais, especialmente o da penitência, em memória do sofrimento de Jesus durante a sua Paixão, o que resultava numa experiência ainda mais profícua de purificação da alma.

A Via Sacra refazia no imaginário dos fiéis o suplício de Jesus a caminho do Calvário (FIG 7). Os Passos de Cristo eram, geralmente, sete ou múltiplos de sete e correspondem às seguintes etapas da sua Paixão: Cristo no Horto[3]; Cristo da Prisão[4]; Cristo Flagelado[5]; Cristo Coroado de Espinhos[6]; *Ecce Homo*[7]; Cristo com a Cruz às Costas ou Senhor dos Passos[8]; e, por fim, o Cristo Crucificado[9], este último, momento máximo da Paixão, representando a consumação do projeto divino para a salvação dos homens.

Ao possuir esculturas ou pelo menos um Passo da Paixão no interior da igreja que frequentava ou mesmo dentro de casa, auxiliava ao fiel na práxis católica, pois serviam de figuras ao texto escrito. A exemplo disso, salienta-se os livros de Santa Teresa de Jesus ou Teresa d'Ávila[10], que enfatizava a importância da concentração na imagem de Cristo para alcançar a contemplação divina, cuja imagem materializada do Senhor aumentava sua fé. Muitas outras obras foram escritas a aqueles que almejam seguir o caminho de Jesus Cristo. Os *Exercícios Espiritais* de Santo Inácio de Loyola se voltam essencialmente para a rememoração da Paixão, em que se percorre mentalmente os Passos de Cristo[11].

Acerca dessa prática cotidiana dos exercícios espirituais no Império Português, destaca-se o guia para a

Figura 7: Cristo com a Cruz às Costas. Escultura em madeira policromada (127 X 50 X 62 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo (SP). Foto: Lia Sipaúba Brusadin 28/12/2016.

Oração Mental e mais os Exercícios Espirituais de 1776, escritos pelo Padre Bartolomeu de Quental, que em 1654 foi nomeado por Dom João IV capelão, confessor e pregador da Capela Real, sendo também missionário no Brasil e na Índia. Tais exercícios dispunham de mecanismos que permitiam a alma humana de livrar-se de tendências erradas e, com isso, entrar em contato com a vontade divina e conseguir a salvação.

O livro delimita a seguinte roteiro: "Exercício quotidiano para a quaresma principalmente da primeyra Dominga atè a quinta, e na porque daqui por diante será da Payxaõ repartida pelas horas – Será pois o Exercício saindo com Christo Senhor Nosso ao deserto, & acomponhando-o nelle" (p. 33); "Outro exercício pelos Passos da Sagrada Payxaõ de Christo N. Salvador, repartido pelas horas do dia, muyto proveitoso para todo o anno, mas principalmente para a Quaresma, da Dominga da Paixão por diante" (p. 43); "Meditaçoens Da Sacratissima Payxaõ, & Morte de Christo Nosso: Meditaçam I – Da ida de Christo S. N. ao Horto" (p. 73); "Meditaçam VI – Da prisão do Senhor, & do que nelle succedeo" (p. 108); "Meditaçam XII – Dos açoutes do Senhor" (p. 177); "Meditaçam XI – Da coroaçaõ de espinhos, & Ecce Homo" (p. 187); "Meditaçam XIV – De como o Senhor Setenciado ultimamente à morte por Pilatos, caminhou com a Cruz as Costas para o Monte Calvario" (p. 204); "Meditaçam XV – De como Crucificarão o senhor, & o levantaram na Cruz" (p. 264); "Meditaçam XVIII – Da septima palavra do Senhor na Cruz & Sua Morte" (QUENTAL, 1776, p. 264).

Por sua vez, no Império Português, as instituições religiosas que dispunham do acervo escultórico da Paixão no interior das igrejas e que era também utilizado para a realização das festividades da quaresma eram: a Irmandade do Santíssimo Sacramento, a qual realizava, geralmente, a procissão de Ramos; a Irmandade do Senhor dos Passos, que fazia o cortejo do Senhor dos Passos[12]; a ordem terceira de São Francisco que encenava a procissão da Penitência ou Cinzas[13]; particularmente em Salvador, na Bahia, a ordem terceira de São Domingos com o préstito do Triunfo; e, a ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, a qual praticava, normalmente, a procissão do Enterro e a do Triunfo[14]. Quanto aos carmelitas, tal iconografia da Paixão é igualmente encontrada em templos Ibéricos de irmãos terceiros (FIG 8).

As associações religiosas composta por leigos significaram um impulso religioso, que tinha como finalidade seguir o mais fielmente possível a vida dos primeiros discípulos de Jesus, orientados pelos atos e sofrimentos do Cristo Humano. Fazer parte de uma irmandade ou ordem terceira conferia ao fiel cristão a possibilidade de remissão de seus pecados e a possibilidade de uma vida edificada, amparada e ter uma boa morte. Dessa forma, essa inclusão laica à vida espiritual foi aumentada com a multiplicação de exercícios devocionais e das práticas piedosas, entre as quais destacaram-se as obras de caridade e a devoção à Paixão de Cristo.

As esculturas devocionais de Jesus Cristo de tais congregações eram, ao mesmo tempo, imagens processionais e retabulares, sendo carregadas durante as procissões e ficando expostas ao culto no altar mor ou nos altares laterais das igrejas. Assim, cumpriam diferentes funções no ritual religioso e na dinâmica da vida cotidiana daquelas comunidades. Não foi a produção das imagens, mas seu uso, suas funções e as relações entre elas e suas feições que as tornaram objeto de diversas demandas.

Desse modo, as esculturas brasileiras sãoo imagens piedosas, não puras obras de arte como na Europa cristã; elas vivem num estado de espírito próximo ao da Idade Média: "seu caráter de imagens santas, conferindo-lhes um valor de objeto sagrado, preservou-as, frequentemente, da destruição pura e simples" (BAZIN, 1963, p. 52). As esculturas eram ressignificadas e poderiam ser substituídas por outras devido à mudança de gosto ou estado de conservação da obra. Elas eram, então, realocadas para outros espaços da igreja ou até mesmo enterradas como os mortos. Foi essa piedade primitiva que conservou muitos dos acervos escultóricos no Brasil.

A ampla reprodução da Paixão de Cristo por meio de esculturas sacras revela um dos sentimentos que mais preocupou o homem católico dos setecentos e que perdura até hoje: a inquietação com o juízo individual após a morte. Era uma interiorização da religião por meio de imagens devocionais. Logo, possuir esse tipo de programa iconográfico dentro do templo religioso não era meramente seguir uma norma, mas, era dialogar com a sua comunidade de fiéis. Talvez seja por isso que muitos desses conjuntos ainda permanecem nas igrejas.

Considerações Finais

As esculturas devocionais são dialógicas e falam com quem as olha e, diante disso, são criadoras dos próprios gestos de receptividade e fechamento humanos. Daí a necessidade de humanização das coisas pelo homem, para apreender e trocar ele precisa de um espelho, um exemplo. A imagem de Jesus Cristo representou o

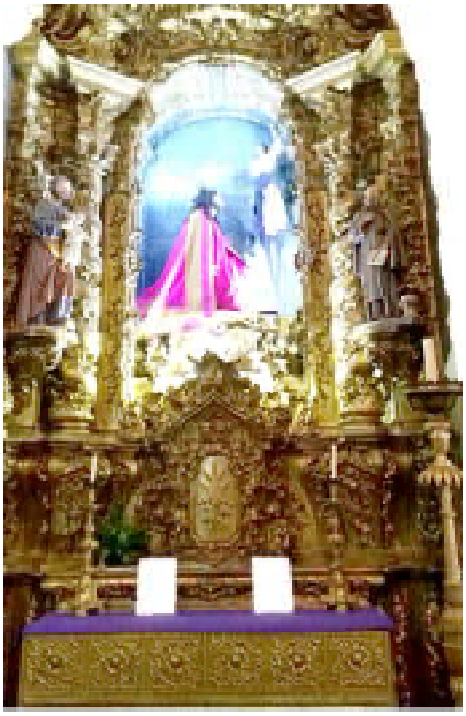

Figura 8: Retábulo Lateral da Nave - Cristo no Horto. Escultura em madeira policromada (325 X 185 X 70 cm). Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Porto, Portugal. Foto: Lia Sipaúba Brusadin 04/03/2017

modelo cristão do homem perfeito e auxiliou de forma pedagógica práticas piedosas de bons comportamentos para se obter a salvação divina. O uso de esculturas devocionais interiorizava, intensificava e ressignificava a relação entre homem e Deus.

Estudar esse tipo de imagem não é unicamente lê-las como documentos históricos de uma dada época é entender as contingências dos temperamentos de empatia ou apatia e dos contentamentos ou das angústias de certo grupo social. Esta análise buscou apresentar as relações práticas existentes com a escultura devocional por meio de uma reflexão teórico-conceitual. Ao situar os Cristos da Paixão como objeto de estudo intencionou-se compreender a dinâmica das obras reproduzidas pelo Universo dos Impérios Europeus Modernos, suas experimentações na sociedade durante o transcorrer da história e enquanto instrumentos de conhecimento e de devoção.

Referências Bibliográficas

ARGAN, Giulio Carlo. **Imagem e persuasão**: ensaios sobre o barroco. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BAZIN, Germain. **O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1963.

Bíblia Sagrada. Edição Pastoral-Paulus: São Paulo, 1990.

O Programa Imagético da Paixão de Cristo das Ordens Terceiras do Carmo: contraponto entre história, iconografia, materiais e técnicas de esculturas devocionais dos séculos XVII-XIX no Brasil. 406 f. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Quaresma e Tríduo Sacro nas Minas Setecentistas: **Barroco**, Belo Horizonte, 17, 1993/6, p. 209-219.

CHADWICK, Henry; EVANS, G. R. **Grandes Livros da Religião**: Igreja Cristã. Barcelona: Editora Folio, 2007.

COELHO, Beatriz; QUITES, Maria Regina Emery. **Estudo da escultura devocional em madeira**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

D'ÁVILA, Santa Teresa. **Livro da Vida**. São Paulo: Penguin, Companhia das Letras, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2005.
LOYOLA, Santo Inácio de. **Os Exercícios Espirituais**. São Paulo: Madras, 2004.

MARQUES, João Francisco. Rituais e Manifestações de Culto. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.). **História Religiosa de Portugal**. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Portugal: Círculo de Leitores, 2000, p. 517-601 (Volume 2; Humanismo e Reforma).

PALEOTTI, Gabriele. Discours sur les images, tradução da edição italiana de 1582 in Les images, l'Église et les arts visuales, Paris, Éditions Du Cerf, 1991. In: ICHTENSTEIN, Jacqueline. **A Pintura**: textos essenciais. São Paulo: Ed. 34, 2005 (Volume 2: A teologia da imagem e o estatuto da pintura).

PONNAU, Dominique. **Figuras de Deus**: a Bíblia na arte. São Paulo: UNESP, 2006.

QUENTAL, Bertholameu do (Preposito da Congregação do Oratório de Lisboa). **Meditaçoens Da Sacratissima Payxaõ & Morte De Christo Senhor Nosso, com Direcçam para Oraçaõ Mental & Mais Exercicios Espirituais & dous quotidianos**. Lisboa: Na Officina Joam da Costa, MDCLXXIX (1776).

QUITES, Maria Regina Emery. **Imagem de Vestir:** revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil. 2006. 396f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2006.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. São Paulo: EDUSC, 2007.

TAUBERT, Johannes. **Polychrome Sculpture**: Meaning, Form, Conservation. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2015.

VIEIRA, Antônio. **Vieira**: sermões. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

Notas

[1] Foi durante a Baixa Idade Média, no norte da Europa, que surgiu uma piedade fervorosa e introspectiva baseada na meditação dos Evangelhos e dos mistérios da religião, conhecida como *devotio* moderna. Era uma tendência que engrandecia a vida simples de oração e autonegação, bem como as obras de caridade. Foi também chamada de "misticismo do senso comum", respaldada na obra clássica a *Imitação de Cristo* (1418) de Thomás de Kempis. Tal obra dedicava-se à preocupação com a morte e com o juízo individual; com a penitência; com o sacerdócio e sacramento do altar. Dessa maneira, era voltada para uma peregrinação interior de arrependimento e piedade, oposta a uma religião baseada em atos cerimoniais exteriores. Cf. CHADWICK; EVANS, 2007, p. 90.

[2] Foi um movimento religiosos e social que tinha como finalidade reafirmar os dogmas recusados pelo Protestantismo, tais como as doutrinas cristãs e o culto e decoro com as imagens sagradas.

[3] Lc 22: 39-44; Mt 26: 36-42; Mc 14: 32-36; Jo 18.

(Doutorado em História) - Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2006.

[4] Jo 18: 19-24; Mt 27: 2; Mc 15: 1; Lc 23: 1.

[5] Mt 27: 22-26; Mc 15: 12-15; Lc 23: 22-25; Jo 19: 1.

[6] Mt 27: 27-29; Mc 15: 16-18; Lc 23: 11; Jo 19: 2-3.

[7] Jo 19: 4-6.

[8] Jo 19: 16-17; Mt 27: 32-34; Mc 15: 21-22; Lc 23: 26-27.

[9] Jo 19: 28-30 ; Mt 27: 48-50; Mc 15: 36-37; Lc 23: 44-46.

[10] D'ÁVILA, 2010, passim.

[11] Cf. LOYOLA, 2004, p. 20-30.

[12] Cf. CAMPOS, 1993/6, p. 209-219.

[13] Cf. QUITES, 2006, p. 167-210.

[14] Cf. BRUSADIN, 2019, p. 156-215.

*** Lia Sipaúba P. Brusadin** é licenciada em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre e Doutora em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora e Coordenadora do Curso de Pós-graduação em Conservação e Restauração de Escultura Policromada Devocional da Universidade Santa Úrsula (USU). E-mail: liabrusadin@gmail.com

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESCULTURA DEVOCIONAL

SUSANNE DEAL BOOTH

PROGRAMA

QUARTA-FEIRA, 23
08:00 - CREDENCIAMENTO: ENTREGA DE MATERIAL E NOVAS INSCRIÇÕES
09:30 - ABERTURA OFICIAL
10:00 - INTERVALO/CAFÉ
10:30 - Conferência: Figurar aimagem: sobre representaçções pictóricas de esculturas devocionais".
Professora Dra. MARIA CRISTINA LEANDRO PEREIRA (USP)
11:30 - Debate
12:00 - Intervalo almoço
14:00 - **COMUNICAÇÕES: ICONOGRAFIA**
15:00 - Debate
15:30 - Intervalo, Café - EXPOSIÇÃO DE PÓSTERES
16:00 - COMUNICAÇÕES: ICONOGRAFIA 2
16:45 - DEBATE
17:30 - LANÇAMENTO DE LIVROS

QUINTA-FEIRA, 24
09:00 Conferência: "Escultura devocional barroca: os mestres e as oficinas de Lisboa no século XVIII".
Professora Dra. SANDRA COSTA SALDANHA - Universidade de Coimbra/ Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja. Portugal
10:00 - DEBATE
10:30 - INTERVALO: CAFÉ
11:00 - **COMUNICAÇÕES: HISTÓRIA**
12:00 - DEBATE
12:45 - INTERVALO: ALMOÇO
14:45 - COMUNICAÇÕES: AUTORIAS E ATRIBUIÇÕES
15:30 - DEBATE
16:00 - INTERVALO: CAFÉ - EXPOSIÇÃO DE PÓSTERES
16:45 - DEBATE
17:00 - ASSEMBLÉIA DOS ASSOCIADOS DO CEIB.
19:00 - Visita ao Museu Mineiro.

SEXTA-FEIRA, 25
09:00 Conferência: "Procissões de Penitência nas Ilhas Atlânticas. Memórias e práticas devocionais de um 'passado recente' nos arquipélagos da Madeira e Açores".
Professor Dr. DUARTE NUNO CHAVES. Universidade Açores. Madeira, Açores, Portugal.
10:00 - DEBATE
10:30 - INTERVALO: CAFÉ
11:00 - **COMUNICAÇÕES: CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO**
11:45 - DEBATE
12:00 – INTERVALO: ALMOÇO
14:00 - Conferência: "Imaginería procesional em Catalunya: del barroco al "neo-barroco: Especificidades autóctonas e influencias externas".
Professora Dra. MARIA GARGANTÉ LLANES.
Universidad Autónoma de Barcelona e Universidad Pompeu Fabra. BarcelonA, Espanha.
15:00 - DEBATE
15:30 - **COMUNICAÇÕES: MATERIAIS E TÉCNICAS**
16:15 - DEBATE
16:45 - INTERVALO: CAFÉ- EXPOSIÇÃO DE PÓSTERES
17:00 - ENCERRAMENTO DO CONGRESSO

26 DE OUTUBRO – SÁBADO

VISITA GUIADA

07:30 - Saída de Belo Horizonte para a cidade histórica de Caeté.
Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso
Museu Regional de Caeté (IBRAM)
13:00 - INTERVALO: ALMOÇO 14:30 - SAIDA DE CAETÉ PARA A SERRA DA PIEDADE
Basílica de Nossa Senhora da Piedade, Serra da Piedade, Caeté.
18:00 - RETORNO A BELO HORIZONTE

CEIB: Presidente de Honra: Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira;
Presidente: Maria Regina Emery Quites; Vice-Presidente: Beatriz Coelho; 1º Secretário: Agesilau Neiva Almada; 2º Secretário: Fábio Mendes Zaratini; 1ª Tesoureira: Daniela Cristina Ayala Lacerda; 2ª Tesoureira: Carolina Maria Proença Nardi.

Endereço:
Avenida Antônio Carlos, 6627; 31.270-091, Belo Horizonte, MG.
Site: www.ceib.org.br.
E-mail: ceibimaginaria@gmail.com.

BOLETIM: Projeto gráfico, arte e editoração: Helena David (*In memoriam*) e Beatriz Coelho; Revisão: Agesilau Neiva Almada, Daniela Ayala, Fábio Zaratini e Maria Regina Emery Quites
Tiragem 300 exemplares;
Periodicidade: quadrimestral.
Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião do ***BOLETIM DO CEIB.***

É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.

APOIO

Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Cecor)
ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFMG